

REFLEXÕES E PERCEPÇÕES SOBRE IDENTIDADES: PROGRAMA EDUCATIVO E MEMORIAL MINAS GERAIS VALE

Gerson Aquiles Mendes de Melo¹

O Memorial Minas Gerais Vale - MMGV é autodenominado um museu de experiência, logo, não se identifica com essas classificações clássicas, a saber: histórico, artístico, de ciências, de tecnologia, entre outras. A partir de suas salas, este espaço cultural apresenta uma narrativa sobre os povos de Minas, transitando entre cenários reais e virtuais, em um paralelo entre passado e presente, a fim de apresentar memórias. Ao pensar na identidade de uma instituição museal, consideramos a narrativa criada e estruturada pelo curador e demais idealizadores, entretanto as vozes dos Educadores, que transitam nesse espaço, ecoam e reverberam muitas vezes de forma distinta da que foi pensada inicialmente. Sendo assim, esse espaço pode apresentar uma identidade fragmentada, levantamos três hipóteses sobre possíveis leituras: 1) aquela criada na concepção do espaço, a partir do projeto curatorial; 2) aquela desenvolvida conjuntamente pelo Educativo nas ações mediadas; e 3) aquela que o visitante cria a partir de sua relação com o espaço cultural e seu repertório de vivências. Levamos em consideração também as tensões que o Educativo pode promover, ao seguir as orientações do Plano Educativo, que possui metodologia definida nas ações dos diversos percursos temáticos, como africanidades, república, artes e literatura. O objetivo dessa pesquisa é apresentar essas percepções e analisar o entendimento sobre as identidades do MMGV e do Programa Educativo. Para isso utilizamos um formulário de pesquisa para identificar os elementos que compõem essa identidade e qual o entendimento dessa identidade a partir da visão do Programa Educativo.

Palavras-chaves: Memorial Minas Gerais Vale, Identidade, Programa Educativo.

¹ Educador do Memorial Minas Gerais Vale, com título de Mestre em Artes pela Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG e Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA.

1 Introdução

Discussões sobre identidades são atuais e emergentes, seja ela de gênero, social ou cultural, pois cada área de estudo têm discutido e refletido sobre esse tema de forma paralela, mas ainda assim singular. Sobretudo, pontuamos que essas definições não são consensuais, o que nos leva a pensar em possíveis entrelaçamentos nessas diversas teorias que surgiram e que hão de surgir.

Grandes pensadores já levantam essas definições desde os séculos passados e hoje existe essa ideia de que a identidade não é estagnada, ou ainda, que não existe uma única identidade, e pode ser considerado até um equívoco falar do termo identidade no singular, visto que alguns pensadores indicam que as identidades são múltiplas.

Mas, o que define uma identidade ou as identidades? Será que a identidade que pode ser atribuída a um ser vivo pode ser transposta para um estudo de identidade de um ser inanimado, como uma instituição cultural? Este trabalho vai em direção do estudo da percepção e compreensão da identidade do Memorial Minas Gerais Vale - MMGV, este espaço dinâmico, jovem e que se relaciona com a geração atual e a mais antiga, logo, podemos dizer que estes são alguns traços de uma de suas identidades.

Aqui adotamos o conceito de identidade, como a do sujeito pós-moderno, que foi apontado por Stuart Hall (2006), célebre teórico sociólogo, em *A identidade cultural na pós-modernidade*. Neste livro Hall apresenta três tipos de identidade, sendo que elas foram percebidas ao longo do tempo, sendo o primeiro o

O sujeito do Iluminismo, [que] estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo **totalmente centrados unificado**, dotado das capacidades de razão de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou "idêntico" a ele - ao longo da existência do indivíduo (HALL, 2016, p.10-11, grifo nosso).

Como o sujeito do Iluminismo reagiria ou pode reagir dentro do MMGV? Este sujeito pode ser facilmente identificado, uma vez que pode apresentar alguma aversão à proposta do espaço cultural, posto que a proposta expográfica do MMGV não é a tradicional adotada por museus históricos. Este sujeito busca manter-se em suas referências que surgiram desde sua infância e não as altera, ainda que a presença da pós-modernidade seja latente. Esse ponto de vista nos lembra a identidade dos perfis de frequentadores e não frequentadores de museus, apontada pelo Oi Futuro e Consumoteca

(2019) na publicação *Museu: narrativas para o futuro*, No qual indicam três traços do perfil de não frequentadores: "museus não são lugares onde 'minha turma' está; museus são atrelados a um tipo de conhecimento 'chato'; museus não tem novidades". Este perfil considera que já conhece esse tipo de espaço, sem perceber que há uma diversidade bem grande entre eles.

Como segunda definição, Hall (2016) apresenta o sujeito Sociológico. Já dizia que:

[...] a identidade é formada na "**interação**" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num **diálogo contínuo** com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2016, p.11, grifo nosso).

Nessa perspectiva, Hall (2016) expõe que a identidade é formada a partir da relação com o outro, nesse trânsito intermitente entre público e privado, intrínseco e extrínseco. Sobretudo, ressaltamos que o papel da educação aqui é substancial, sendo ela formal, não formal ou informal, em razão desses espaços promoverem conversas que podem auxiliar na construção de pensamentos e visão de mundo.

O escritor e educador José Carlos Libâneo (1994) aponta que o objetivo da educação é articular o indivíduo dentro da sociedade para que ele desenvolva uma autonomia crítica que acontece no meio social. Assim, também pensa Herbert Read (2001) que entende a individualidade do ser e a atuação com os grupos sociais, contudo considera que a identidade será definida pela relação com o ambiente que permeia.

Ao adentrar à terceira definição de sujeito percebemos um diálogo mais complexo e menos definitivo:

A identidade torna-se uma "**celebração móvel**": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelado nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume **identidades diferentes em diferentes momentos**, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente (HALL, 2016, p.11, grifo nosso).

Esta é a definição do sujeito pós-moderno de Hall, aquele que apresenta diversas identidades, que são readequadas a cada contexto: o homem, o filho, o empresário, o cliente, o motorista, o estudante, etc. Em cada um desses contextos sua personalidade sofre alterações, que podem fazer com que este mesmo homem seja irreconhecível pelos seus próximos, traços que podem ser revelados pelas intimidades ou por questões de poder e hierarquia

No caso de espaços culturais, quais seriam os elementos que fariam com que essas identidades fossem aplicadas, uma vez que esses espaços são estagnados no espaço, fixados e assolados, diferente de um ser humano? A grande questão está nas diversas pessoas que perpassam por esse local, ou seja, cada um poderá atribuir uma identidade a este local, que claramente é demonstrada por esse espaço. Ou seja, embora haja uma concepção fundante, as pessoas que por ali transitam também carregam suas próprias impressões que são entregues de forma dinâmica nesse espaço.

Será que o visitante possui a mesma percepção de identidade que um trabalhador desse espaço? E se esse visitante for local ou estrangeiro? E aquele trabalhador que está ativamente atuando nas proposições educativas ou culturais, diferentes dos que atuam na parte de gestão, ou limpeza e segurança? Ressaltamos que essas identidades não possuem hierarquia e tampouco são sobrepostas, elas se adequam a cada visão e experiência que cada pessoa tem com o espaço.

Uns podem achar o museu um espaço bastante tranquilo e monótono, já em uma visita educativa com crianças de cinco anos, será que estes possuem essa percepção? E se esse encontro for durante um espetáculo de música e dança ou uma oficina educativa que estimula a movimentação do corpo e a agitação tão repudiada dentro desses espaços sacralizados? Essas relações fazem com que toda essa ideia conceitual seja balanceada com as experiências. Não discutiremos aqui outros conceitos de identidade aplicados e fundamentados, mas adiante retomaremos essa discussão.

2 "Quem" é o Memorial Minas Gerais Vale?

A discussão deste artigo envolve diretamente um espaço cultural, que embora seja jovem, comparado a outros museus na cidade, faz parte de um projeto do Governo do Estado para promover espaços de cultura. O Memorial Minas Gerais Vale está situado na cidade de Belo Horizonte/MG e foi inaugurado em 2010. Desde sua abertura integra o Circuito Liberdade, que atualmente promove 15 instituições culturais, dentre elas as que possuem gestão pública e gestão de empresas parceiras. Estas instituições estão próximas dos arredores da Praça da Liberdade, importante ponto turístico na história da cidade, logo, alguns destes prédios são do período de construção da cidade e são tombados pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG.

No site oficial da instituição o MMGV é

Caracterizado como MUSEU DE EXPERIÊNCIA, o Memorial Minas Gerais Vale traz a alma e as tradições mineiras contadas de forma original e interativa. Cenários reais e virtuais se misturam para criar experiências e sensações que levam os visitantes do século XVIII ao século XXI (Memorial Minas Gerais Vale, 2020, s.p.).

Entretanto, a designação de museu de experiência não possui uma conceituação e discussão teórica como bases, sendo assim, aceitar essa terminologia vaga limita as possíveis leituras desse espaço. Em nossas pesquisas não foi encontrada nenhum apontamento sobre esse termo. Na publicação mais recente nomeada *Mirabilia em carro de boi: tecendo identidades no Memorial Minas Gerais Vale*, notamos traços dessas identidades deste espaço que apresenta uma narrativa sobre a história, a cultura, a memória afetiva, as celebrações, os povos, os artistas e escritores que constituem a formação do estado de Minas Gerais.

Apoiadas pela tecnologia e por uma expografia que recria espaços reais e virtuais, as visitas ao museu, neste caso, tornam-se uma experiência múltipla. Os visitantes conseguem viajar não apenas no tempo, mas também entre as várias estradas de Minas Gerais e, assim, ser partícipes das reuniões dos Inconfidentes, descobrir a arte do Vale do Jequitinhonha, ouvir o poeta Carlos Drummond e seus versos, interagir com as diversas formas da arte rupestre numa caverna milenar ou com as modernas curvas de Niemeyer, entre outras tantas experimentações (SOUZA e GORGA, 2020, p.17).

Dois elementos que marcam a construção conceitual do MMG são a pesquisa e o plano curatorial, que desenvolveu o projeto expográfico e a concepção do museu em três eixos:

A Minas Imemorial, que conjuga o “passado e o legado histórico (...) do Brasil” com Minas Gerais; a Minas Polifônica, “com todas as várias culturas, as várias linguagens, os vários tempos, os vários níveis de realidade”; e a Minas Visionária, que tem por propósito mostrar “o estado que se projeta para o futuro com suas vanguardas, modernismos e contemporaneidades” (CARDIA, 2011, p.11).

Sobre esses três eixos é importante ressaltar a divisão entre essas identidades que serão encontradas nas salas de exposição. Aqui já temos uma demonstração que o espaço é multifacetado, assim como “as Minas”. Ao pensar nessas classificações tão distintas que entrelaçam o cultural, o social e o econômico, o Projeto Mineiridades surgiu como um projeto itinerante, com iniciativa do Programa Educativo, a fim de levar as discussões propostas no MMGV para outras cidades, estudar essas múltiplas identidades e percorrer novos caminhos no estado de Minas Gerais.

O Memorial Minas Gerais Vale também é o lugar da recordação, onde se revelam as ligações obscuras entre memória, imaginação e invenção. Recordar significa “trazer à tona o saber ainda não consciente do passado”, e, por conta

disso, também significa descobrir, desconstruir, desterritorializar. Na recordação, a memória não repete, nem racionaliza: ela tece, com imagens revividas no presente, a experiência do passado. Esse é o desafio que a equipe do Educativo enfrentou de maneira notável: tomar o passado como o lugar de uma reflexão sobre uma experiência vivida (STARLING, 2020. p.11).

Quais são as possíveis leituras sobre esse espaço cultural? Este artigo pressupõe 3: 1) aquela criada na concepção do espaço, a partir do projeto curatorial; 2) aquela desenvolvida conjuntamente pelo Educativo nas ações mediadas; 3) e aquela que o visitante cria a partir de sua relação com o espaço cultural e seu repertório de vivências. Destas três não é possível indicar qual se sobrepõe, pois as vezes a narrativa curatorial, embora seja a que "sempre" estará presente, pode ser reinterpretada e diagnosticada de uma forma distinta.

3 Metodologia

Elegemos uma pesquisa de base análisa com abordagem qualitativa e quantitativa, para identificar as opiniões dos respondentes. Nosso objeto de pesquisa são as identidades do MMGV e o diálogo criado com o Educativo do MMGV, logo, as respondentes da pesquisa fazem parte deste setor. A Equipe do Educativo é formada por 21 pessoas, sendo 1 coordenador, 2 assistentes, 14 educadores e 4 recepcionistas.

Embora a equipe do Educativo tenha um número relativamente equilibrado de homens e mulheres, a saber, 12 mulheres e 9 homens, o número de mulheres é superior. Sendo assim, adotaremos o feminino para se referir às respondentes. Para ressaltar a evidência dessas mulheres no espaço da educação, seja no âmbito não formal ou formal.

As respondentes foram acessadas via e-mail e aplicativo de mensagem instantânea, das 17 endereçadas, 15 responderam o formulário, um número bastante positivo. Consideramos não solicitar a identificação das respondentes para coletar dados mais próximos do que elas pensam. O formulário foi dividido em três etapas: 1 pergunta aberta; 2 perguntas abertas solicitando 3 palavras cada; e 8 afirmações aplicadas na escala Likert. Destas afirmações, apenas 5 serão analisadas nesse artigo. Além disso, adotamos o uso de quadros para demonstrar os dados coletados, a fim de facilitar a leitura.

4 Apresentação e análise dos dados

4.1 Concepção de identidade

A princípio para discutir sobre identidade foi necessário saber qual a concepção de identidade que as respondentes possuem. Sendo assim, analisamos as relações que essas concepções possuem entre elas, além do diálogo com a discussão levantada no primeiro tópico desse texto. Abaixo, no Quadro 1, selecionamos cinco concepções:

"Um conjunto de características e signos, não definitivos , que diferencia os sujeitos uns dos outros. Mas também, a partir de características semelhantes aproxima pessoas e forma grupos com interesses em comum" (Respondente A, grifo nosso).
"Características que definem um ser, uma pessoa" (Respondente B, grifo nosso).
"Aquilo com o que um sujeito se reconhece . Mas importa ressaltar que essa identificação nunca é única e monotemática , ela sempre será como uma colcha de retalhos. Feita por muitas identificações possíveis . Mas a identidade também pode ser construção e discurso. O perigo de se reduzir a identidade, assim, no singular é excluir, invisibilizar outros sujeitos . Extinguir pessoas ontologicamente. Muita coisa me fez refletir sobre identidade, mas acredito que, no que me expressei aqui, tem muito do Stuart Hall, Donna Haraway e Michel Foucault" (Respondente C, grifo nosso).
"Identidade é o conjunto de particularidades desenvolvidas pelo sujeito em sociedade e que o definem enquanto indivíduo e o identifica(ou o torna identificável) a grupos com características semelhantes, se relacionando portanto a ideia de pertencimento. Importante frisar que tais singularidades são desenvolvidas mediante o contato/confronto com o outro . Ainda que tal conceito não tenha sido desenvolvido pelo estudo de um único autor, o mais recente lido por mim a abordar a identidade nessa perspectiva foi Rodney William" (Respondente D, grifo nosso).
"Para mim, a identidade é um construto cultural , uma mistura daquilo que herdei com aquilo que construo no presente e, por sua vez, essas duas coisas estão cruzadas por dois fatores: tempo e espaço . Ou seja, tanto a minha bagagem, o meu passado, quanto o meu presente podem ser modificados segundo essas duas variáveis. Essa minha concepção de identidade se aproxima muito da argumentação de José Carlos Reis com respeito ao conceito" (Respondente E, grifo nosso).

Quadro 1: concepção de identidade

A relevância dessas concepções encontram-se nas nuances, por isso destacamos alguns trechos em negrito para fazer uma breve análise. A respondente A toca no ponto

que conversa com o conceito de sujeito pós-moderno de Hall (2006), a ideia do "não definitivo", essa identidade que nós apresentamos é metamorfa. Por outro lado a respondente B, de forma breve, indica que a identidade é isso que define, entretanto, essa definição não é parada no espaço e no tempo, que são as contraposições elencadas pela respondente C. O ser não é monotemático e essas identidades precisam ser pluralizadas e desmistificadas, essa respondente trás alguns teóricos para reafirmar sua posição, dentre eles Stuart Hall, Donna Haraway e Michel Foucault. Já a respondente D aponta a relação que o homem possui com a sociedade e de que forma isso faz desenvolver sua identidade, algo como o sujeito Sociológico enunciado por Hall, ela também trás um nome importante para o estudo de identidades, o escritor Rodney William. E por último a respondente E importa uma ideia do inato e da construção social, não há um descolamento, entretanto, aponta a relação direta entre tempo e espaço, ou seja, as identidades se adequam às proposições do momento.

Sabemos que embora essas concepções dialoguem em medidas diferentes, essas ideias são vistas nas ações educativas e são construídas principalmente de forma conjunta. O espaço para expressar essa postura não é definidor de um pensamento, mas indica possíveis eixos de como essa concepção é trabalhada e demonstrada. A potência das leituras e das vivências, além das trocas, possibilitam que esses fragmentos se transformem em uma proposta dialógica, construtiva e atual.

4.2 Palavras-chave

Criamos duas nuvens de palavras para apresentar as definições que as respondentes possuem sobre o MMGV (Figura 1) e sobre o Educativo do MMGV (Figura 2), que estão acompanhadas com uma escala de quantas vezes as palavras apareceram nos dados.

servem como forma de promover ações a favor de uma empresa, por outro lado esse lugar que legítima, também pode criar contradição de narrativas.

Na segunda pergunta, sobre as palavras que descrevem o Educativo do MMGV aparecem as palavras, que em alguma medida conversam entre si, como pesquisa, diálogo, conhecimento, crítico, questionamento e educação. A palavra pesquisa repete 5 vezes, uma forma de reafirmar o papel do Educativo enquanto um setor que desenvolve pesquisas e estabelece um papel importante para o desenvolvimento de suas ações dentro e fora do museu. Outras palavras que também chama a atenção: equipe, eficiente, plural, a palavra mediação aparece uma vez, e alegria que contrapõe com subvalorizado.

4.3 Afirmções na escala Likert

Apresentaremos quadros com os dados coletados seguidos de comentários.

1 - O Educativo do MMGV possibilita compreender outra(s) identidade(s) ao MMGV²				
0	1	0	4	9
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Neutro	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

Mais da metade das respondentes (9) assinalaram que concordam totalmente com a afirmação. O trabalho do Educativo permeia diversas temáticas, que são abordadas no Plano Educativo do Memorial Minas Gerais Vale [201-?] por meio dos percursos desenvolvidos e aplicados em visitas e demais ações educativas:

Suas ações corroboram o discurso museológico contemporâneo, que concebe espaços culturais como lugares abertos à reflexão e à diversidade e que cumprem sua função social ao promover diálogos entre a instituição, os bens culturais que guarda e expõe e o público visitante. Dessa forma, as propostas do Programa Educativo se articulam de modo a estimular a construção de experiências significativas com o Memorial [...] (PLANO EDUCATIVO, [201-?], p.7).

Uma respondente indicou que discorda parcialmente, podemos supor que essa resposta tenha sido, ainda que em pequeno número, sintomática não de uma abordagem que diverge com o pensamento e os ideais colocados pelo Educativo, senão pelas experiências particulares dessa respondente. Nós recebemos diversos tipos de visitantes, inclusive durante as visitas, logo, essa resposta pode estar associada a grupos que foram

² Uma respondente marcou duas opções (Neutro, Concordo Parcialmente), logo, sua resposta foi desconsiderada

recebidos, o qual carrega uma ideia que não tende a ser revista, visto que recebemos pessoas de todo o Brasil e de fora do país também. Podemos receber "sujeitos do iluminismo" e infelizmente o tempo de contato com o Educativo pode não ser suficiente para desconstruir essa postura.

2 - Todos os Programas Educativos estimulam novas percepções sobre as identidades de suas respectivas instituições				
3	2	2	7	1
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Neutro	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

A maioria das respondentes (7) assinalaram que concordam parcialmente. A partir do momento em que incluímos todos os Educativos nessa afirmação criamos uma utopia, pois sabemos que o setor possui suas adversidades, sobretudo quanto às fragilidades profissionais e de condições de trabalho. Apenas 3 respondentes assinalaram que discordam totalmente, ora, para que essas percepções sejam estimuladas muitos fatores devem ser apontados, como proximidade com o seu público, formas de abordagem, seja em visita, oficinas, redes sociais, cursos, formações, materiais educativos e continuidades nas relações com instituições parceiras.

Será que em todos os contatos essas novas percepções são estabelecidas? Este é um outro ponto que precisa ser avaliado e discutido. Se por um lado, o papel do educador é fazer as relações mediáticas e criar um desconforto cognitivo, por outro lado, fatores como falta de interesse e dificuldades na relação com o outro podem afetar na instabilidade dessa abertura de diálogo.

3 - Um visitante que possui contato com ações do Educativo pode perceber nova(s) identidade(s) da instituição				
0	1	0	8	6
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Neutro	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

A partir dos contatos e dos discursos de cada um, assim como dos percursos e das bandeiras que cada um levanta é possível construir e reconstruir novas identidades, isso fica exposto na tendência à concordância com a afirmação, 6 concordam totalmente e 8 concordam parcialmente, enquanto apenas uma respondente discorda parcialmente,

Ressaltamos que isso não significa que cada proposta, proveniente de cada educador, não possua um fio condutor, apenas que nessas relações passageiras podem

promover outras conversas, que podem gerar desconstruções do acervo e da expografia do museu.

4 - Os Programas Educativos podem provocar tensões na identidade das instituições				
1	0	2	4	8
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Neutro	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

Que tipo de tensões o Educativo do MMGV causa na instituição? Ao propor ações com tema da negritude, ou explorar a cultura dos povos indígenas, a oralidade, ações educativas que abordam diretamente a acessibilidade, a abordagem com os estrangeiros proposições para públicos menores como a primeira infância e os bebês. A pergunta que faz parte do nosso repertório, "museu é lugar de criança?" quebra com os paradigmas do objetivo inicial a que esse espaço foi pensado.

A expografia do MMGV não foi pensada para vários públicos, apenas para aquele padrão, vidente, brasileiro, com estatura mediana. E as tensões podem proporcionar uma visão mais otimista sobre o espaço do que não está evidentemente exposto.

5 - Cada visitante pode criar outras percepções sobre a identidade do MMGV, ainda que não tenha contato com as ações do Educativo				
1	0	0	6	8
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Neutro	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

A percepção que temos sobre a autonomia do visitante é explícita na proporção da concordância dessa afirmação, apenas 1 respondente discorda totalmente, enquanto 15 tendem a concordar. Na contramão o que leva a pensar que o visitante não é capaz de criar estas outras percepções. Podemos pensar que "cada visitante" é muito amplo, sendo que há visitantes que tenham dificuldade de fazerem novas relações ou abstrações ao que está sendo proposto. Por outro lado o público do MMGV é bastante variado, o que pode representar essa possibilidade. Aqui cabe ressaltar o papel da educação e dessa proposição dialógica que cabe aos espaços de educação.

5 QUAIS SÃO ESSAS IDENTIDADES?

Ainda que minoria, as opções "discordo totalmente" e "discordo parcialmente", que foram selecionadas pelos respondentes, nos levam a refletir sobre essas concepções que temos do nosso trabalho e da instituição a que estamos vinculados, sobretudo pelo fato de haver discussões sobre o alinhamento ou desalinhamento dos nossos trabalhos que nem sempre dialoga com a proposta do espaço cultural.

O nosso trabalho é continuado e atualizado diariamente, diferente da expografia. Dito isto, não podemos ignorar os fatos de pensarmos que essas afirmações podem ser averiguadas e questionadas sobre suas A Escala Likert apontou baixa neutralidade dos respondentes, indica que o Educativo possui posicionamento, ainda que divergente. Portanto, podemos dizer que o Educativo possui uma percepção de identidade desse espaço que está próximo de um museu, que possui uma coerência com a concepção inicial, entretanto, as ações educativas tendem a fazer entrelaçamentos e modificações dessas identidades.

O MMGV é esse espaço pós-moderno, que se ressignifica a cada dia, e que passa por momentos de reconstrução que privilegiam assuntos atuais, que talvez nunca foram o foco de sua abordagem inicial, afinal de contas, nos tempos de hoje novas demandas surgem e elas tem urgência. Em sua grande parte, o Programa Educativo é esse setor que vai suprir as lacunas e por isso sua relevância nesse processo de construção e de novas percepções das identidades.

REFERÊNCIAS

CARDIA, Gringo. Para além da memória de Minas. In: STARLING, Heloísa Maria Murgel [et al.] (org.). Minas Gerais. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.

LIBANEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

OI FUTURO; CONSUMOTECA. Museu: narrativas para o futuro. Mai. 2019. Disponível em: <https://oifuturo.org.br/wp-content/uploads/2019/05/Oi-Futuro-e-Consumoteca-Pesquisa-Museus-2019-DOWNLOAD.pdf>. Acesso em: 20 de agosto 2020.

MEMORIAL MINAS GERAIS VALE. Acesso em: <http://memorialvale.com.br/pt/sobre-o-memorial/apresentacao/> Disponível em: 15 de setembro 2020.

PLANO EDUCATIVO, Memorial Minas Gerais Vale. Disponível em: <http://memorialvale.com.br/wp-content/uploads/2017/07/plano-educativo.pdf>. Acesso em: 01 de setembro 2020.

READ, Herbert. *A educação pela arte*. São Paulo: Martins e Picosque Fontes, 2001.

SOUZA, Charles Junio; GORGA, Pamela E. N. Uma Minas na pluralidade. In: *Mirabilia em carro de Boi: tecendo identidades no Memorial Minas Gerais Vale*. Org: GORGA, Pamela E. N.; RODRIGUES, Smally G.. Belo Horizonte: Memorial Minas Gerais Vale, 2020.

STARLING, Heloisa M. Prefácio: toma de Minas a estrada. In: *Mirabilia em carro de Boi: tecendo identidades no Memorial Minas Gerais Vale*. Org: GORGA, Pamela E.N.; RODRIGUES, Smally G.. Belo Horizonte: Memorial Minas Gerais Vale, 2020.